

O fim da confiança no mundo

WALDOMIRO J. SILVA FILHO (UFBA, CNPQ)

RESUMO

Neste ensaio apresento minha compreensão da especificidade do relato de Jean Améry no movimento de testemunhos de vítimas dos campos de concentração (os testemunhos do inferno). A obra de Jean Améry é ainda mais perturbadora do que os mais perturbadores testemunhos do inferno: seus textos não visam a cura, não querem salvar, não reivindicam a reparação e a reconciliação, nem mesmo pregam a superação ou o olhar para o futuro. Ele quer apenas uma coisa, algo radicalmente terrível: a palavra de Améry faz com que o horror, o horror como real, tenha um nome.

PALAVRAS-CHAVE

Civilização como barbárie, Jean Améry, Testemunho

ABSTRACT

In this essay I present my understanding of the specificity of Jean Améry's work within the movement of testimonies of concentration camp victims (the testimonies from hell). Jean Améry's writings is even more disturbing than the most disturbing testimonies from hell: his writings do not aim at healing, do not want redemption, do not claim reparation and reconciliation, do not even preach overcoming or looking to the future. He wants only one thing, something radically terrible: Améry's words make horror, horror as real, have a name.

KEYWORDS

Civilization as barbarism, Jean Améry, Testimony

O fim da confiança no mundo

WALDOMIRO J. SILVA FILHO (UFBA, CNPQ)¹

“O momento do sobreviver é o momento do poder. O horror ante a visão da morte desfaz-se em satisfação pelo fato de não se ser o morto. (...) Em se tratando de sobreviver, todos são inimigos de todos; comparado a esse triunfo elementar, toda dor é pequena. Importante é, contudo, que o sobrevivente se defronte sozinho com o morto ou os mortos. Ele se vê sozinho, sente-se sozinho e, no que diz respeito ao poder que esse momento lhe confere, não é lícito esquecer jamais que tal poder deriva dessa unicidade, e somente dela.”

Elias Canetti, *Massa e Poder*

1.

Quando regressa do reino da morte, de uma realidade inimaginável até então na Europa *iluminista*, na Alemanha cultivada, quando é resgatado das engrenagens da máquina nazista da morte em janeiro de 1945, Jean Améry, um jovem e brilhante intelectual austríaco, não carrega qualquer coisa nos seus bolsos, traz consigo apenas a marca irremovível do horror... e nada mais. Nem mesmo a sensação de ter sobrevivido a tudo aquilo se destaca nos trapos que revestiam seu corpo destruído pela tortura, pela fome, pela humilhação, pelos sucessivos ensaios da sua execução.

Aquele homem já não era mais um homem como ser espiritual e digno, já havia se partido nele a unidade entre corpo e espírito. Esse menos-do-que-um-homem então escolhe – não posso avaliar se foi, de fato, uma escolha, se estava ao seu alcance agir de outro modo –, aquele homem escolhe o retiro e uma existência apátrida. Como todos os outros, não tinha mais uma voz; diferente de todos os outros sobreviventes que voltaram para um lugar em ruínas, mas que ainda assim era sua casa, Jean Améry *não volta*. Por isso, os textos que ele escreveu vinte anos depois daquilo que

.....
1. Este texto é um dos produtos da pesquisa “Reflexão, Diálogo e Virtudes Epistêmicas: Uma Perspectiva Interpessoal sobre Reflexão” (Bolsa PQ, proc. no. 311816/2019-3). A primeira versão deste ensaio foi escrita no meu estágio como Pesquisador Visitante do *Center for Contemporary Epistemology and the Kantian Tradition* (CONCEPT) da Universität zu Köln, Alemanha, com bolsa do CAPES-Print (process no. 88887.568338/2020-00).

nos acostumamos chamar de “a libertação” não foram urdidos na intenção de ser mais uma peça para compor o mosaico das experiências dos sobreviventes dos campos de concentração, para preencher lacunas no tecido da memória, para curar as feridas da guerra e, com isso, contribuir para que a Europa volte aos trilhos da civilização – dos quais havia *acidentalmente* descarrilhado. No que escreveu, Améry (1966, p. 36) diz, na verdade, vocifera: “Acabou por um tempo. Ainda não acabou”.

O que aconteceu, aconteceu e não há qualquer coisa que se possa fazer a respeito, não há reparação, indenização. *Sim, já não há qualquer coisa que se possa fazer a respeito*. E as homenagens, as lágrimas, o desejo de “dar a volta por cima” lhe parecem teatrais demais. Nos seus textos, Améry oscila entre falar de um sujeito geral, “o sobrevivente”, “a vítima” e o relato estritamente pessoal, solitário, como se ele não pudesse partilhar a sua dor nem mesmo com quem esteve lá ao seu lado. E é precisamente essa solidão, esse desamparo radical, esse ponto de vista singular que torna a obra de Jean Améry tão impactante.

2.

O primeiro aspecto que realmente importa na obra desse intelectual austríaco é que Jean Améry *não é* Jean Améry. Jean Améry é um assombro... e ele não é austríaco. No exato momento que a Áustria cai e é anexada, também cai a máscara do maravilhoso passado cultural, a filosofia, as Belas Artes, a música, de tudo aquilo que era evocado para exortar a glória da civilização. Para ele, o nazismo não foi um acidente, um desvio da rota, um erro, mas a realização dessa Tradição... Era isso que todos temiam que fosse dito: o nazismo não foi o resultado de uma loucura desenfreada, de um delírio que se avolumava nas noites sombrias, nos becos, sem que ninguém se desse conta. Era, outrossim, a plenitude da civilização. Alguém precisava dizer isso... ainda que Karl Jaspers (1965) estivesse, desde 1946, convidando a todos, indistintamente a *todos*, para um encontro fraternal redentor, um diálogo, um parlamento.

Hanns C. Mayer sai de cena e dá lugar ao atormentado judeu-não-judeu, austríaco-não-austríaco, espírito-e-corpo-cindidos, Jean Améry. Hanns nasceu de uma mãe. Jean foi parido pela ausência. Na certidão de nascimento de Hanns, lê-se “Viena”. Na certidão de Jean, são vários registros sobre onde ele nasceu: “emboscada”, “desespero”, “clandestinidade”, “humilhação”, “a impossibilidade de ser”. Jean Améry abandona Hanns Chaim Mayer não porque aquele homem que sofreu as sevícias, humilhações e torturas inimagináveis quisesse deixar tudo para trás, abandonar o passado, colocar aquele monte de desgraças sob o tapete, na gaveta secreta. Não, não é isso. Antes mesmo de ser subjugado pelo terror, antes de ter seus braços retorcidos em um porão da SS, Jean se despedira de Hanns. E é Jean, e não Hanns, aquele que será supliciado e perderá a capacidade de andar por aí sem carregar consigo o suplício.

Em uma data no calendário da desgraça, quando teve plena consciência de que ele, intelectual, esquerdista, judeu, além de homem sem pátria, um estrangeiro essencial, onde quer que estivesse, também era um perseguido, Hanns desapareceu, ficou para traz em algum beco enquanto Jean escorregava pelas ruas tomadas pelo Reich.

3.

Encerrada a guerra e interrompido o turno das câmaras de gás e os ritos de humilhação, havia um grande trabalho de reconstrução moral e urbanístico – havia tanta sujeira acumulada que ninguém sabia por onde começar. Jean Améry é um típico intelectual europeu, sofisticado, erudito, bem formado, conhecia a tradição literária e filosófica (seus textos estão recheados de referências a essa tradição). Ele não perdera as suas habilidades intelectuais, ainda que as dores não o abandonassem jamais, estava atento ao movimento das ideias. Talvez tenha sido isso e não a vontade de *dizer a verdade* aquilo que motivou sua obra. O movimento da civilização, comungada por todos aqueles que viveram sob a bandeira alemã, que leram Goethe, que foram aos concertos para ouvir Mozart, esse movimento levou ao *sublime*, não o sublime do belo do *Dom Giovanni*, mas o sublime do horror, daquilo que não pode ser descrito por quem quer que o contemple.

Consumada “a libertação”, garantido que aquilo não voltaria a se repetir (tão cedo), estabelecida uma distância temporal e moral com o acontecido, três movimentos estavam se desenhando: (a) a tentativa de compreender a ascensão do nazismo a partir de abordagens sociológicas, psicológicas e econômicas; (b) os esforços de estabelecer remissão dos crimes cometidos contra as vítimas e; (c) o surgimento das vozes das vítimas, das testemunhas oculares. Mas eu acredito que, para Améry, (a’) não havia o que ser explicado, (b’) não havia compensação possível para as vítimas e (c’) as vozes não traziam a verdade, mas um espanto que não cabe nas palavras que a vítima grunhe.

4.

Uma seção de tortura em Breendonk (entre Bruxelas e Ambères, Bélgica) foi suficiente para que ele fosse retirado do mundo, da lógica, da esperança em uma reconstrução racional do mundo (ele era um admirador dos neopositivistas Carnap e Schlick) e o atolasse na solidão da dor, a própria e inalienável dor, a solidão de um corpo que é só dor, sem alma, nem corpo é mais, só dor.

Nos anos 1960, os alemães eram movidos pelo espírito de reparação e superação, uma nova brisa refrescava a paisagem antes devastada. Aí Améry volta à Alemanha para mostrar que ele, *Jean-Améry*, continuava lá no mesmo “pau de arara”:

“Vinte e dois anos depois [o relato é de 1966], eu permaneço pendurado acima do chão com os braços deslocados, ofegante e incriminando a mim mesmo. Em tal caso, não há ‘recalque’. Por acaso se pode recalcar uma marca de nascença? É possível removê-la por meio de uma cirurgia plástica, mas a pele que é implantada no lugar não é a pele em que um ser humano se sente à vontade.” (Améry, 1966, p. 36)

A tortura é um ato transformador, realiza um feito que nem Descartes e toda a filosofia idealista sonhou: desgarrar a alma do corpo, fazer a alma aparecer das trevas do corpo e flutuar acima do corpo... a pessoa quer *pular* para fora de si. A alma, hip-

notizada pelo carrasco, consegue sair do corpo e tagarelar, recitar de cor tratados de ciência política de trás para frente e todos os nomes das pessoas que conhece, ouviu falar e até das pessoas que não conhece nem nunca ouviu falar. E Améry não era um mártir ou um herói. Nunca mais... nunca mais o corpo acomodará confortavelmente a alma desgarrada. Quando se encontram, a alma e o corpo do torturado, será um lamento, pois só a dor os une agora. Quem foi torturado *perde a confiança no mundo*. Uma confiança que é abalada “já com a primeira bofetada e finalmente desmorona com a tortura”, uma confiança que “não pode ser restaurada” (Améry, 1966, p. 40).

Nesse ponto, antes mesmo do aniquilamento, independente se a pessoa é levada à fila dos que se despedirão da vida sem entender onde estão, passa a ser impossível imaginar um mundo onde reine alguma esperança. Aquele que esteve nas mãos do representante do Reich, em última instância, do representante da civilização europeia, permanecerá até o fim “entregue sem defesa ao medo”:

“Será o *medo* que daí em diante reinará sobre ele. O medo – e também aquilo é chamado de ressentimento. Eles permanecem, e têm remotas chances de se concentrarem em uma sede purificadora de vingança.” (Améry, 1966, p. 77).

Por isso, o torturado carrega a calamidade onde quer que ele vá. Assim como Primo Levi, ele não vai deixar para trás um único pedacinho insuportável de memória. Para as vítimas da calamidade, não há nada tão difícil quanto isso. Mas, diferentemente de Levi (1978; 1986), com quem deve ter partilhado o mesmo pavilhão em Auschwitz, Améry não só não queria compreender o terror, como não estava disposto a renunciar ao ressentimento e à raiva. E também não quer a vingança, fazer com que todos paguem na mesma moeda. Ele é acometido de algo ainda mais grave: *não esquecer, não perdoar, não vingar*.

5.

Victor E. Frankl, como Primo Levi e Jean Améry, foi um dos que sofreu os suplícios dos campos de extermínio – ele em Theresienstadt. Depois da milagrosa libertação (dos milhares de presos que entraram com ele, só um punhado viu a libertação), ele procurou um sentido para todo aquele sofrimento, imaginando que a calamidade tem um *télos*. Em *Um homem à procura de um sentido* (Frankl, 1946), publicado quase no calor da hora, ele encontra esse sentido e vê no sofrimento a possibilidade da resiliência, da superação e do crescimento humanos. Diferente de Jean Améry, que carregou seu ressentimento por muitos anos, por uma vida inteira até o dia que decidiu que era o fim, Frankl se apegou ao seu princípio e seguiu adiante. Ele se tornou um psicólogo mundialmente reconhecido, desenvolveu sua teoria-terapia chamada Logoterapia, baseada precisamente nesse ideal de *procurar um sentido para o mundo*. A desgraça, o fim do mundo, lhe deu a oportunidade de criar uma terapia baseada nisto: se um paciente duvida do sentido da vida, nenhuma terapia faz sentido. Se uma pessoa duvida do sentido da vida, nada faz sentido. Isso é edificante, porém há o pós-Hanns Mayer.

W. G. Sebald (1991; 1999), outro espírito atormentado pela memória – ou pelo esquecimento, o que dá no mesmo quando se trata da vida espiritual – via em Améry o “homem sem pátria” cuja voz emite uma fala do “irreparável”, da luta contra “o irreversível”. A escolha narrativa de Améry, uma forma de escrita entre o ensaio, a memória, a reflexão filosófica, a confissão, não cede à tentação de ser um relato abstrato da vítima do nacional-socialismo. É a expressão da condição irreparável de uma vítima, o próprio Améry, um sofrimento singular que se espalha a toda vítima do terror ali e sempre. Sua narrativa não oferece nem procura uma explicação porque *toda e qualquer explicação “não significa nada para a testemunha ocular”*. A História, com letra maiúscula *não* tem serventia para a vítima que sempre arrastará os algozes com suas presas cravadas nos seus músculos, que não voltará a gozar de um único segundo de paz para ouvir a algazarra do vento e do germinar da grama.

6.

Para Améry, não é uma opção lembrar ou esquecer. O feito não podia ser desfeito. Também não é uma opção afundar-se no silêncio. Mesmo quando sabe que o que quer que escreva ou diga não será bem recebido – se é que será ouvido e lido –, ele precisa falar e escrever. O silêncio poderia significar uma forma de traição ou, o que é ainda pior, uma espécie de perdão, de aceitação. O que esteve ao seu alcance – e isso ele fez como ninguém – foi denunciar a pressa dos europeus em seguir em frente, em colocar o que aconteceu no passado. Não. O horror não foi um *episódio acontecido*, que está lá atrás e que a reconstrução da Europa, especialmente da Alemanha, estava superando a duras penas, mas superando. Na verdade, não está em suas mãos *poder* lembrar ou *poder* esquecer: ele mesmo, Jean Améry, seu corpo, uma ferida que não cicatriza, ele mesmo *era o horror*. O nazismo, sua pulsão de morte, o desejo desenfreado de aniquilar, continuava pulsando, vivo, eficaz, poderoso em Jean Améry.

Jean Améry tinha conhecimento de que o final dos anos 50 e início dos anos 60 foram pródigos na proliferação de publicações que *relatavam* o que se passou nos campos de concentração. Antes havia a suspeita, as pistas, os registros dos soldados aliados, mas era um gigantesco quebra-cabeças sem instruções de armar, uma vez que aquilo era inédito na história da humanidade. Então os mortos começaram a despertar e escrever com a própria caligrafia numa língua desconhecida, não era iídiche, não era alemão ou francês, era a língua das sombras. Então surgiu um novo gênero literário, o *testemunho da desgraça*: as pessoas que estiveram lá, no ventre da besta, que por um fio não foram consumidas, publicam aqui e acolá o seu testemunho; não eram relatos de *ouvir dizer*, era a própria voz saída do abismo. É inimaginável, aconteceu.

A caligrafia de Jean Améry é ainda mais perturbadora do que os mais perturbadores testemunhos da desgraça. A sua palavra não cura, não salva, não repara, não reconcilia, não olha para o futuro. E não quer curar, salvar, redimir... Ele quer apenas uma coisa, algo radicalmente terrível: a palavra de Améry faz com que o real, o real quase num sentido do real da psicanálise, tenha nome.

7.

Em duas passagens, Jean Améry se refere ao Brasil. O ano é 1977, data do lançamento da segunda edição do seu *Jenseits der Schuld und der Sühne. Bewältigungsversuche eines Überwältigten*, que em inglês recebeu a tradução de *At the mind's limits: Contemplations by a survivor on Auschwitz and its realities*, em espanhol por *Más allá de la culpa y la expiación. Tentativas de superación de una víctima de la violencia* e em português por *Além do Crime e do Castigo. Tentativa de superação*. Gosto do título em português, mas prefiro o termo “expição” e não “castigo”. Eu acredito que Améry, quando fala de “Sühne”, esteja se referindo ao sofrimento longo e talvez interminável que os sobreviventes carregam consigo. No caso do próprio Améry, um sofrimento que o acompanhou até o último minuto.

Améry se refere ao Brasil nesses dois casos: no primeiro, ele faz alusão ao sentimento de que talvez Hitler, ao contrário do que se pensa, tenha triunfado postumamente, ele deixou um legado. O principal sinal disso seria o fato de que seu absoluto desprezo à vida humana, sua louca obsessão pela humilhação e destruição de um inimigo inventado para ser odiado, se perpetuava a céu aberto como, por exemplo, nos “esquadrões da morte no Brasil”. A segunda menção é quando ele compara o “mal radical no Brasil”, a Ditadura Militar e sua prática da tortura e eliminação de opositores políticos, com a nascimento do “mal radical na Alemanha” com sua racionalidade única e irredutível. Ele não está comparando aqui a escala e o tamanho da máquina alemã de matar e a máquina brasileira da ditadura: o horror vivido pela vítima não se compara com o horror de outra pessoa. O problema para ele é que, no caso do Brasil, havia o delírio do combate ao comunismo *como uma justificativa* e, na Alemanha, tratava-se de um processo que não se sabia ao certo de onde partiu e para onde se dirigia. O *télos* do horror brasileiro parecia com um momento infeliz da política de combate ao comunismo, alimentado pelos americanos; o *télos* do horror alemão era civilizacional.

Aqui Jean Améry merece uma correção. É claro, repetindo, *que o horror vivido pela vítima não se compara com o horror de outra pessoa*, que o Holocausto não pode ser comparado. Mas o fato é que o *horror brasileiro* também é uma realização civilizacional. O recente livro de Viviane Gouvêa (2022), *Extermínio: Duzentos anos de um Estado genocida*, é um testemunho aterrador do que somos, do que o Brasil, enquanto nação, é. Nosso Estado não somente fecha os olhos para a violência nos becos e nos porões onde a luz do dia não chega, como é condescendente com aqueles que têm mais força. Não, não é isso. Nosso Estado, o Brasil, *instrui, autoriza, aprova, ordena* a violência, a dor, a tortura. Não há desculpa, não há perdão. Esperança?, não sei. É o que somos, é o que acontece. E somos todos *testemunhas oculares* divididos entre os *Mitläufer* (as pessoas que “se deixam levar pela correnteza” (Schwarz, 2017)) e os que são escolhidos para o “banho” e que sabem que não regressarão”.

Não há o que esperar antes de recuperarmos a confiança no mundo. Entrementes, para recuperar essa confiança, saber exatamente o momento onde essa confiança se perdeu. Para isso, devemos aprender com Améry um pouco da sua melancolia, do

seu ressentimento, da sua incapacidade de pensar no futuro *sem antes* expor todas as feridas, sem desculpar e desresponsabilizar aqueles que não sujaram as mãos apenas porque usavam luvas. Podemos aprender com a tristeza a dar nome àquilo “que não tem nome nem nunca terá”.

8.

Por isso, uma máxima que *não* foi escrita por um famoso filósofo austríaco: *sobre aquilo que não se pode falar, o melhor é falar assim mesmo.* ●

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMÉRY, Jean (1966). *At the mind's limits: Contemplations by a survivor on Auschwitz and its realities*. Trad. Sidney Rosenfeld and Stella P. Rosenfeld. Bloomington : Indiana University Press, 1980.

_____ (1974) *Lefeu ou la demolition*. Trad. Françoise Wuilmart. Arles : Actes Sud, 1996.

FRANK, Víctor E. (1946). *Man's search for meaning*. Boston : Beacon Press, 2006.

GOUVÊA, Viviane (2022). *Extermínio: Duzentos anos de um Estado genocida*. São Paulo : Planeta.

JASPERS, Karl (1965). *A Questão da Culpa: A Alemanha e o nazismo*. Trad. Claudia Dornbusch. São Paulo : Todavia, 2018.

LEVI, Primo (1978). “Jean Améry, the philosopher-sui-cide”. Trad. Alessandra Bastagli, Francesco Bastagli. In: *Uncollected Stories and Essays: 1940-1980. The Complete Works of Primo Levi. Vol. II*. Ed. By Ann Goldstein. New York, London : Liveright Publ. Corporation, 2015, pp. 1262-1264.

_____ (1986). “L'intellettuale ad Auschwitz”. In: *I Sommersi e i salvati*. Torino : Einaudi, 2021, pp. 99-116.

SCHWAZ, Géraldine (2017). *Those who Forget: One family's story. A memoir, a history, a warming*. Trad. Laura Maris. London : Pushkin Press, 2020.

SEBALD, W. G. (1991). “País perdido”. In: *Pátria Apátrida: Ensaio sobre literatura austríaca*. Trad. Telma Costa. Lisboa : Quetzal, 2018, pp. 160-176.

_____ (1999). “Against the irreversible”. In: *On the Natural History of Destruction*. Trad. Anthea Bell. New York : The Modern Library, 2003, pp. 143-167.

.....